

Entrevista com Maria Lúcia Dal Farra

Esta entrevista foi realizada por Luís Fernando Prado Telles, como atividade integrante de uma pesquisa desenvolvida em nível de pós-doutorado que procurava investigar a presença da literatura portuguesa nas universidades brasileiras como área de ensino e de pesquisa¹. A entrevista foi revista e atualizada para a presente publicação.

A professora Maria Lúcia Dal Farra é Paulista de Botucatu, onde nasceu em 14 de outubro de 1944, é cidadã sergipana e professora-doutora titular (concurada) da Universidade Federal de Sergipe, onde exerceu a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Lecionou na USP (onde defendeu Mestrado e Doutorado), na Unicamp (onde defendeu Livre-Docência e integrou a equipe pioneira de Antonio Candido, fundadora do Instituto de Estudos da Linguagem e do Departamento de Teoria Literária) e também na Universidade da Califórnia, Berkeley (Estados Unidos). Tem obras publicadas sobre Vergílio Ferreira (*O Narrador Ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978); e *Correspondência Vergílio Ferreira e Maria Lúcia Dal Farra*. Lisboa: Âncora, 2019, org. Elisa Nunes e João Tiago Lima), sobre Fernando Pessoa (*As Pessoas de uma Incógnita*. Lisboa: Boletim da Junta Distrital de Lisboa, 1977), sobre Herberto Helder (*A Alquimia da Linguagem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986) e sobre Florbela Espanca. Sobre esta Poetisa escreveu um montante de 8 volumes, publicados em Portugal e no Brasil: *Trocando Olhares* (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994), *Florbela Espanca* (Rio de Janeiro: Agir, 1996), *Poemas de Florbela Espanca* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), *Afinado Desconcerto* (São Paulo: Iluminuras, 2002 e nova ed. em 2012); *À margem dum soneto/O resto é perfume* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007), *Perdidamente. Correspondência Amorosa de Florbela Espanca 1920-1925* (Porto: Quasi, 2008), *Sempre Tua* (São Paulo: Iluminuras, 2012), *Manuscritos Florbela Espanca* (Vila Viçosa: Casa de Bragança, 2017, com Ana Luísa Vilela). No prelo encontram-se ainda o *Caleidoscópio Florbela* e *O Impasse do Nome: Colombina ou Yde Schloenbach Blumenschein*. É “Prêmio Jabuti de Poesia”: *Livro de Auras* (1994), *Livro de Possuídos* (2002), *Alumbramentos* (2012), *Terceto para o Fim dos Tempos* (2017) – todos editados pelo Iluminuras

¹ O projeto intitulou-se, inicialmente, *A presença da Literatura Portuguesa no Brasil: percursos e percalços* do ensino e da pesquisa no processo de constituição da área de Literatura Portuguesa nas universidades brasileiras. A pesquisa teve como sede o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP e foi financiada pela Fapesp (Processo 2013/07623-3). No período de tempo compreendido pelo relatório apresentado ao órgão de fomento do projeto, a pesquisa completou a investigação nas universidades públicas do Estado de São Paulo: USP, Unicamp, Unesp (Assis; Araraquara e São José do Rio Preto); UFScar e Unifesp. Em cada uma destas universidades, a pesquisa pautou-se por quatro frentes de investigação: 1. Memória institucional (sobre o curso de letras e sobre a área de literatura portuguesa); 2. Documentação acadêmica (de graduação e pós-graduação); 3. Pesquisa (levantamento da produção na área de literatura portuguesa, em termos qualitativos e quantitativos); 4. Depoimentos (por meio de entrevistas orais ou escritas).



de São Paulo, sendo que se encontra no prelo da mesma editora o volume de poesia intitulado *Tisnando o Linho*. Possui a antologia – *Alguns Poemas* – publicada em Lisboa: Edições Esgotadas, 2019 (org. Ana Luísa Vilela e Fabio Mario da Silva), e tem sua obra poética traduzida para o espanhol, para o inglês, para o italiano, para o grego. Possui um volume de ficções intitulado *Inquilina do Intervalo* (São Paulo: Iluminuras, 2005). A cadeira 25 da Academia de Letras de Botucatu possui o seu nome.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; ensino de literatura; história da literatura nos cursos de Letras; Unicamp.

PERGUNTA: *Tendo em vista que a presente pesquisa tem o foco no estudo da presença da literatura portuguesa nas universidades brasileiras, gostaria de saber como a senhora foi atraída, inicialmente, ao estudo da Literatura Portuguesa e como foi sua formação nessa área? Quais foram as suas principais influências, dentre autores, teóricos e professores?*

Maria Lúcia Dal Farra: Foi meu querido professor de Portuguesa no primeiro ano da Faculdade, o José João Cury (depois, professor da ECA e do Mackenzie), quem despertou a minha atenção para essa literatura. Naquela idade (eu ia fazer 18 anos), tinha lido os clássicos Eça, Camilo, Camões (me apaixonara por seus sonetos), enfim, fora introduzida no ramerrão que o secundário nos ofertava, com exceção da Florbela que, por pura mágica, caíra sob os meus olhos. Ocorre que o Cury nos pegou pela contemporaneidade, de que estávamos distantes e desatualizados mesmo no que concernia à Literatura Brasileira – e isso num tempo em que, na USP, éramos desencorajados a escrever trabalhos sobre autores atuais. Fiquei possuída pelo que lia a partir das sugestões dele e decidi me dedicar ao estudo desse manancial que, para mim, abria um universo ímpar que também me permitia ganhar uma visão mais íntima da nossa própria literatura. Percebi logo a migração de tópicos de uma para outra literatura, a maneira de enfrentamento escrito (estávamos nos anos de chumbo) que aproximava ambas as manifestações, o diálogo entre elas. Interessei-me em conhecer, nas próprias obras, essa conversa entre diferentes escritores de uma e de outra procedência, e fui engendrando a minha

354



própria visão da Portuguesa que desde sempre, como vê, se ancorou numa dimensão comparatista, valendo-me dos ensinamentos da Teoria Literária e, mais tarde, da Linguística. Aquela me dava os fundamentos e as perspectivas críticas para pensar qualquer escrita, e esta um instrumental coadjuvante no domínio da estruturação do código, ampliado, depois, com a Análise do Discurso que o meu querido amigo Haqira Osakabe me trouxe. E deveras, quando me formei, ingressei imediatamente como professora de Portuguesa e de Teoria da Literatura na mesma instituição (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botucatu - sou da turma inaugural). Ao mesmo tempo, comecei a frequentar a pós-graduação em Literatura Portuguesa na USP (inaugurava-se, neste tempo, a pós-graduação), onde fui orientanda da Maria Aparecida Santilli. Mas antes, no tempo da Faculdade em Botucatu, já tinha sido aluna do Jorge de Sena, do Adolfo Casais Monteiro, do Antonio Candido, do Fernando Mendonça, do Lázaro de Almeida Prado e de muitos outros, trazidos para nós, a Botucatu, pelo Cury, em cursos complementares extraordinários. Como muitos dos intelectuais portugueses de então se encontravam exilados no Brasil, o nosso proveito foi imenso e gozamos do privilégio de ouvir essa literatura narrada por seus partícipes. Ao mesmo tempo, o teatro da Faculdade, também dirigido pelo Cury, constituía uma outra fonte de experiência artística em que representávamos dramaturgos brasileiros e portugueses como o Jorge Andrade, o Sttau Monteiro, o Bernardo Santareno entre tantos.

PERGUNTA: Quais foram as suas principais influências nessa área, dentre autores de literatura e teóricos?

Maria Lúcia Dal Farra: Já pelo elenco de intelectuais que foram nossos professores na Faculdade, você pode ter ideia daquilo que respiramos como ar dos tempos de então. Antonio Candido é a referência mais importante na minha vida, como intelectual e como integridade pessoal, exemplo que busco seguir desde muito jovem. Para além dos já citados, também tenho a maior estima intelectual por críticos como Eduardo Lourenço, António José Saraiva, Óscar Lopes, Jacinto do Prado Coelho (que foi meu orientador no estágio de mestrado em Portugal),



Eduardo Prado Coelho, João Barrento, Silvina Lopes Rodrigues, Helder Macedo, por exemplo. Entre os autores, sou leitora assídua de Herberto Helder, Florbela Espanca, Carlos de Oliveira, Fiama Hasse Paes Brandão, Ruy Belo, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Maria Teresa Horta, Manuel da Fonseca, Eugénio de Andrade, Ana Paula Tavares, Adília Lopes, Inês Pedrosa, Lídia Jorge – para referir apenas alguns contemporâneos.

PERGUNTA: *Quanto aos professores, quais os que exerceram maior influência em sua formação? Quais foram mais fundamentais? Houve algum mestre exemplar em especial?*

Maria Lúcia Dal Farra: Creio ter respondido por antecipação esta sua pergunta. Mas não tive oportunidade de mencionar ali o Segismundo Spina, fundamento da Língua Portuguesa para mim, e também o queridíssimo João Alexandre Barbosa, cuja obra e ensinamentos como professor constante dos meus cursos de pós-graduação da USP foram-me decisivos em matéria de poesia e teoria da poesia, em regime de gosto e de escolhas poéticas. Também sou leitora de outros tantos críticos-teóricos do meu coração: Walter Benjamin, Bachelard, Auerbach, Adorno, para além do Derrida, Deleuze, Baudrillard, Lévi-Strauss, Foucault, Barthes, Blanchot, Lacan e tantos mais.

PERGUNTA: *Em sua pesquisa de mestrado, a senhora trabalhou com a prosa de Vergílio Ferreira, da qual se originou o livro intitulado O narrador ensimesmado, obra fundamental para quem se interessa pela teoria e análise da narrativa, principalmente em língua portuguesa. Já em seu doutorado, a senhora deu uma espécie de guinada para o estudo da poesia portuguesa, enfocando a obra de Herberto Helder. Essa guinada parece ter orientado o rumo de seus trabalhos posteriores, como é possível verificar em suas pesquisas de pós-doutorado. É claro em seu percurso intelectual que a senhora não abandonou o estudo da prosa, mas as pesquisas parecem demonstrar que houve uma opção mais acentuada pela poesia. A que a senhora atribui essa opção e como ela se deu?*



Maria Lúcia Dal Farra: Na verdade, não há guinada, mas programação cerrada e empenhadamente dirigida com vistas à minha formação intelectual. Pensei sempre que devia estudar tudo quanto dissesse respeito à literatura: para o meu consumo interno, para pensar o mundo, para poder avaliar as escritas com mais propriedade – e por isso mesmo escolhi a Portuguesa que, mais tarde, foi-se ampliando com outra e outra. Comecei por estudar a prosa, e daí ter me dedicado à obra romanesca do Vergílio Ferreira no meu mestrado (1973). Depois, fui para a poesia, para o Herberto Helder, no doutorado (1979), não sem antes ter passado por Pessoa, sobre quem tenho um ensaio publicado antes em Lisboa (As pessoas de uma incógnita. Estudo das Inéditas) – o que não quer dizer que, encerrados os estudos, os tivesse abandonado, porque não é possível nunca você dar por terminada uma abordagem – são acordes que você tange para a vida inteira. Como tivesse descoberto então na poesia de Herberto relações que vinha perseguindo há tempos a partir de sugestões de Walter Benjamin, fui estudar, no meu pós-doutorado (na École Pratique des Hautes Études em Paris, de 1979 a 1981), as aproximações entre a poesia da modernidade (Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, o Surrealismo) e o esoterismo, que apresentei como trabalho de livre-docência na Unicamp (MS-5). Depois disso, encetei estudos sobre edótica para poder estabelecer os manuscritos da poesia inédita de Florbela Espanca (1983) que, então, tomaram muito espaço na minha vida intelectual, visto que a isso me debrucei na minha titularidade em 1992, já na Universidade Federal de Sergipe (para a qual fui admitida por concurso público), publicando ao longo do tempo cerca de sete volumes sobre sua obra. Assim, desemboquei mais diretamente nos estudos comparados, através da questão do imaginário feminino em língua portuguesa (que também se espraia pelas Literaturas Africanas, a Latino-Americana, etc), acabando por trazer tudo isso para a minha própria poesia, e enfocando textos de diversas naturezas e proveniências, incluindo a cultura popular. Mas falta-me estudar de perto a dramaturgia, tarefa que ainda tenho no horizonte.

PERGUNTA: *A senhora fez toda a sua formação inicial na USP, onde também foi professora. Posteriormente, a senhora foi professora também na Unicamp. No que se refere à área de*



Literatura Portuguesa, em linhas gerais, quais eram as principais diferenças de abordagem do estudo desta área nessas duas instituições?

Maria Lúcia Dal Farra: Muito embora a orientação da USP (Antonio Soares Amora e, em seguida, Massaud Moisés) fosse completamente diversa da Unicamp (Antonio Candido), nunca pendi para uma metodologia que não fosse deveras aquela que cogitava como a mais eficaz e condizente aos meus princípios e ao objeto a perseguir e a entender. Nesses primórdios, o estruturalismo andava em voga; eu não o professava, mas utilizava alguns de seus métodos aliados à crítica social, o que me tornava estranha aos meios oficiais da cadeira de Literatura Portuguesa da USP, não contando com nenhuma receptividade – tirante uma ala intelectual progressista, aliás, aquela onde nos achávamos, eu e minha orientadora, onde se asilavam também outros professores diferenciados. Não se poderia dizer que os estudos na USP (como também os da Unicamp) fossem um bloco sólido, muito embora a orientação da USP fosse mais histórica e descompassada com as teorias contemporâneas. Da atualidade, por outro lado, o new criticism ainda perseverava; mas, creio eu, no que tinha de mais alienante.

PERGUNTA: *Na Unicamp, diferentemente da USP, não havia uma área isolada de literatura portuguesa. Nesta, só mais tardiamente é que se instauraram os estudos comparados de literaturas em língua portuguesa, sendo que, por muito tempo, a área de Literatura Portuguesa acabou por exercer uma certa predominância em relação às outras áreas. Na Unicamp, pelo contrário, o lugar do estudo da literatura portuguesa parece já ter nascido no interior de uma perspectiva mais aberta, no âmbito mais abrangente dos estudos de literaturas de expressão portuguesa. Seria essa a principal diferença entre USP e Unicamp? Nesse sentido, poderíamos dizer que a Unicamp exerce um certo pioneirismo?*

Maria Lúcia Dal Farra: Não tenho dúvidas quanto ao pioneirismo da Unicamp concernente a várias vertentes, começando pela maneira como pensávamos as relações entre as diferentes disciplinas, a formação dos departamentos e daquilo que veio a ser o IEL, o Instituto de Estudos



da Linguagem. Não se esqueça de que se tratava de fundar e instaurar uma universidade progressista em plena ditadura, em meio à cassação de professores da USP e da intelectualidade de esquerda, bombardeada por ameaças ideológicas em curso. Antonio Candido se incumbira da área de Letras e tornou-se óbvio, para nós, que as literaturas básicas (onde se introduziam a Latino-Americana e as Africanas) deveriam ser cogitadas dentro de um âmbito comparatista que teria como ligadura e alicerce tanto a Crítica quanto a Teoria Literária – daí o próprio nome do Departamento. De modo que foi nesse contexto que passei a ensinar Literatura Portuguesa. Nosso projeto também era diferencial quanto ao modo de hierarquizar o ensino, visto que nossa preocupação maior era o curso da graduação. Buscávamos um cruzamento de disciplinas dentro da grade curricular que permitisse uma relação mais íntima entre as diferentes literaturas, a Crítica e a História da Literatura, a Teoria Literária, os Estudos Linguísticos, a Análise do Discurso, as diferentes línguas, a produção e a leitura de textos – e isso era uma espécie de combate à mesmice, aos estereótipos, na contramão do que ocorria no Brasil da época. O que produziu também, por exemplo, estudos que pareceriam de menor importância no contexto da altura, como a abordagem da fortuna crítica de uma obra, das diferentes traduções existentes sobre uma obra estelar, a tradução crítica de textos literários, enfim, de estudos que diziam respeito mais à periferia literária, a levantamento de memória, de acervos, de estudos de revistas, de manifestações de cunho popular, caudais esquecidos e maltratados que, no entanto, confluíam para o mais fiel entendimento da produção literária. Importava, sim, a formação crítica do aluno, de maneira a que ele pudesse desenvolver uma perspectiva menos especializada e abrangente – numa era em que a formação holística estava fora de moda, em que as especializações abundavam e em que a pós-graduação era a menina dos olhos das restantes universidades. Antonio Candido também não descurava da nossa própria formação, e assim tínhamos aulas com figuras que traziam contribuições diferenciadas para nós, como o Benedito Nunes, o Emir Rodrigues Monegal, o Paul Zumthor, o António José Saraiva, o Angel Rama dentre tantos.



PERGUNTA: *De um modo geral e do seu ponto de vista, quais foram os principais momentos da área de Literatura Portuguesa na história do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp? Como a senhora enxerga o esmaecimento da área nesta instituição, principalmente a partir da segunda metade da década de noventa e início dos anos dois mil?*

Maria Lúcia Dal Farra: O nosso pequeno grupo fundador se compunha de pessoas com tônica (e é assim que dizíamos) em alguma literatura. Ao longo da implantação do nosso Departamento e do nosso Instituto, Berta Waldman e eu inicialmente, depois Yara Frateschi Vieira, Alcir Pécora (brilhante aluno da nossa primeira safra), Vilma Arêas e Haquira Osakabe - tínhamos a tônica na Literatura Portuguesa. Assim, buscávamos suscitar interesse por ela, levando o aluno ao conhecimento da produção contemporânea, demonstrando que esta não se desligava de sua história, que entrava em interlocuções com outras obras produzidas ao longo do tempo, com as quais ela mantinha o seu elo, reatualizando-as, de maneira a revolver assim a história, efetuando um regime de circulação cultural sempre mediado pelo contexto histórico-político. Para tanto, fazíamos esforços de promover a vinda de escritores e críticos portugueses para conferências, cursos, congressos, colóquios, festivais, enfim, de modo a que, graças a esses novos pontos-de-vista, experiências próprias e produções literárias, introduzissem nossos alunos (e a comunidade interessada) naquilo que se fazia em Portugal, antes e após o 25 de Abril. Claro que essa marcante abertura política propiciara, em princípio, curiosidade por tal literatura; mas, uma vez em primeiro contato, o leitor ficava literalmente tomado pelo caudal produtivo incessante daqueles tempos, que o arrebatava a explorar também o contributo da literatura ensurdecida pelo salazarismo, que a partir do 25 de Abril estava sendo conhecida. Ao mesmo tempo, tentávamos ocupar espaços culturais nos jornais, divulgando nossas pesquisas, publicando excertos de obras de autores recém-descobertos, entrevistando-os e aos críticos, e daí por diante. Também a fundação do NECEPO (Núcleo de Estudos de Culturas de Expressão Portuguesa) e da EPA (Revista de Estudos Portugueses e Africanos) muito contribuiu para a formação de uma massa pensante e crítica dentro da Unicamp que, aliás, está hoje distribuída por todo o país, ocupando lugares estratégicos da Literatura Portuguesa nas universidades, a



começar pela USP , onde se encontram por exemplo a Fátima Bueno, o Paulo Motta, o Helder Garmes, a Adma Fadul Muhana, o Caio Gagliardi, todos formados por nós. Quanto àquilo que você menciona como esmaecimento dessa área na Unicamp, creio poder explicar de outra maneira. O fato é que essa ideia da “tônica” em alguma disciplina, que era a nossa perspectiva de origem, ganhou mais liberdade e flexibilidade a ponto de não haver mais esse conceito de professor exclusivo de alguma literatura. De lá para cá, a Unicamp passou por grande transformação curricular entre 2004 e 2005 com a criação do Bacharelado em Estudos Literários, que deixou de exigir, por exemplo, disciplinas obrigatórias, abandonando a perspectiva de cursos fundamentais em favor de escolhas individuais de pesquisa. Penso que se trata da busca de um certo equilíbrio institucional em meio às diferentes tendências atuais dos estudos literários e creio que esse será o desenho para um futuro de resistência dentro das nossas áreas.

PERGUNTA: *Como a senhora vê, hoje, o estado atual dos estudos da literatura portuguesa? Quais as principais mudanças de perspectivas ou de enfoques a senhora poderia indicar nos estudos dessa área desde os (seus) tempos iniciais dos estudos de literatura portuguesa na USP?*

Maria Lúcia Dal Farra: Acho que referindo essa atualização curricular da Unicamp, acabo por indiciar um tanto do que suponho ser o nosso passo mais contemporâneo em prol da Literatura Portuguesa. Sempre acreditei que era fundamental um chão em que pudéssemos fincar os nossos estudos, quer fossem sobre uma ou outra literatura, porque cada uma traz a sua marca específica: seu contexto histórico-político e a história cultural de sua escrita. No meu caso inicial (e por que não dizer atual?) a Teoria e a Crítica Literária eram o terreno propício a acolher qualquer lavra, como são hoje os Estudos Culturais de uma maneira mais disseminada, visto que incluem um leque imenso de disciplinas instrumentais capazes de alavancar qualquer obra de qualquer literatura e de refletir sobre ela. Quando não, temos de procurar mais e mais recursos, sem nunca deixar de levar em conta aquela condicional do contexto e da história literária específica onde se insere a obra que procuramos ler. Aquela ideia lacaniana da obra



como uma carta em instância (*une lettre en souffrance*), aguardando o seu leitor da vez; a da indireção da obra de arte e da sua restância (Derrida), que espera ser desocultada; a da ausência do senso de propriedade, visto que ela é um bem comum – me parecem andar em consonância com essa dimensão mais flexível (e até errática) que penso para a Literatura Portuguesa.

PERGUNTA: *A senhora poderia contar um pouco sobre a história do Núcleo de Estudos de Culturas de Expressão Portuguesa (NECEPO) e da revista que era mantida por tal centro, a EPA, a Revista de Estudos Portugueses e Africanos?*

Maria Lúcia Dal Farra: Penso que por volta de 1975 tivemos a iniciativa de criar o NECEPO, através do qual trouxemos para a Unicamp, ao longo dos anos, escritores portugueses e africanos, assim como críticos de relevo dessas literaturas, sempre com o fito de dar a conhecer, aos nossos alunos e à comunidade, a produção ficcional, a poesia, o teatro que então se fazia. Por isso, vinham eles para cursos, conferências, eventos culturais, etc. Cito de cabeça algumas dessas personalidades: Eduardo Lourenço, Alfredo Margarido, Eduardo Prado Coelho, António José Saraiva, Helder Macedo, Fernando Cabral Martins, Teresa Sobral Cunha, Teresa Rita Lopes, Ettore Finazzi-Agrò, Maria Helena Ribeiro da Cunha, Maria Helena Garcez, Luciana Stegagno Picchio, Marlize Vaz Bridi, Cleonice Berardinelli, José Saramago, Isabel da Nóbrega, Augusto Abelaira, Bernardo Santareno, Lídia Jorge, Antonio Lobo Antunes, Almeida Faria, Fernando Assis Pacheco, José Carlos de Vasconcelos, Alexandre O'Neill, Egito Gonçalves, Maria Aparecida Santilli, etc. Refiro apenas os nomes do meu tempo; depois, vieram muitíssimos mais. Também criamos a EPA, que circulou de 1983 a 2004, portanto durante 21 anos, publicando ensaios, recensões críticas, entrevistas, comentários, artigos, etc. Creio que essa revista ainda é uma grande referência nos meios acadêmicos, muito embora esteja extinta hoje em dia.

PERGUNTA: *Quanto às suas publicações, qual livro a senhora julga mais importante para a área? De qual livro a senhora mais gosta?*



Maria Lúcia Dal Farra: Para a área, talvez seja o Florbela Espanca, *Trocando Olhares*, esse que constituiu a minha tese de titularidade em 1992, publicado em 1994 pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda de Lisboa. Talvez os meus livros sobre a obra de Florbela (e olha que são um bocado!), que lutam pela sua permanência (sempre problemática) no cânone literário português, de onde tinha sido expulsa durante o salazarismo que a considerava “inconstitucional” (e isso dentro de uma polêmica político-literária que procuro sempre discutir e elucidar para o leitor) – sejam os mais entronizados na área. Talvez porque trabalhem com assiduidade o contexto histórico português, as apropriações ideológicas pelas quais a obra de Florbela passou e tem passado – e esse fenômeno interfere grandemente na decodificação de uma obra. Mas aquele dedicado ao estudo do Herberto Helder (*A Alquimia da Linguagem*, publicado em Lisboa pela mesma Imprensa Nacional em 1986) também percorre os diálogos da poesia portuguesa com referências internas e externas, desde Fernando Pessoa até a contemporaneidade. *O Narrador Ensimesmado*, no entanto, julgo hoje ser um livro (aliás ultrapassado) mais de teoria narrativa que propriamente de literatura portuguesa. Creio que isso se dá porque eu tentava fugir, naquele momento, de um estilo de abordagem marcada por um reacionarismo, por um carrancismo que proliferava na nossa área, e ao qual eu pretendia fazer frente a qualquer custo – e o modo que encontrei foi esse.

O fato é que tudo o que escrevi é cria minha, e é muito difícil escolher uma mais perto da gente, porque cada uma tem o seu lugar no coração da minha escrita. Mas, talvez, o mais importante, seja o livro que me foi dedicado – esse sim!

Em dezembro de 2019, participei do “Congresso Internacional Florbela Espanca” na Universidade de Lisboa e na Câmara Municipal de Vila Viçosa, terra de origem de Florbela. E eis que esse evento extraordinário era a mim dedicado! Pois bem, contando com as benesses da Universidade de Lisboa, de Évora, de fundações portuguesas e sobretudo da Casa de Bragança, as atas foram editadas – aliás, já ganharam duas edições em 2021. A obra – que reúne estudos os mais diversos de ex-alunos meus e de colegas e estudiosos de toda a parte: Brasil, Estados Unidos, Portugal, França, Inglaterra – dá conta dos meus estudos e também da minha poesia. É um grande orgulho para mim e já ganhou diversas recensões críticas, tendo sido a primeira na

303



Agulha, Revista de Cultura (pela extraordinária Gilda Santos do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro), e a mais recente na Colóquio/Letras n. 211 (Lisboa, setembro de 2022). A obra em pauta, caudalosa aliás (coisa de 300 páginas), reúne as contribuições dos meus catorze orientandos do Diretório de Pesquisa do CNPq, o “Florabela et alii”. Recebeu o título de *No Ardor dos Livros* (Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra) e foi editada pelo poeta Floriano Martins (Natal: Arc Edições & Sol Negro, 2021) sob a organização de Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva, Inês Pedrosa e Rosa Fina. Essa, sim, creio – a mais importante de todas! Aliás, esse mesmo grupo se empenhou num feito fenomenal: o *Dicionário Florabela Espanca*, no prelo em Portugal e no Brasil, que contou com a organização de Jonas Leite e Fabio Mario da Silva, sob minha direção.

PERGUNTA: *Qual a maior alegria ou satisfação a senhora teve ao longo dessa carreira dedicada, em grande parte, à Literatura Portuguesa?*

Maria Lúcia Dal Farra: Não creio que seja só em grande parte, mas inteiramente à Literatura Portuguesa, porque foi o que fiz a vida inteira. Mas como sou avessa à ortodoxia e sempre me abri a experiências novas, me interesse por todas as literaturas às quais tenho acesso mediante as minhas limitações linguísticas. A maior alegria é sentir o respeito que os meus ex-alunos me dedicam, honrando-me na medida que trilharam seus próprios e luminosos caminhos – fico orgulhosíssima e vejo que tem valido muitíssimo a pena a dedicação a essa literatura que amo.

PERGUNTA: *Qual conselho a senhora daria para um(a) jovem estudante de Letras que estivesse começando agora as suas pesquisas em literatura? Por que recomendaria o estudo da Literatura Portuguesa?*

Maria Lúcia Dal Farra: Que leia muito, incessantemente; que nunca pare de se atualizar; que procure conhecer tudo o que lhe disser respeito. Que a Literatura Portuguesa é uma porta de vai-e-vem para outras tantas, para a nossa, para as Africanas, para aquilo que se faz nessa

364



querida língua em qualquer canto do mundo, em Macau, em Goa, no Timor Leste, etc. Que todas elas conversam entre si (e com outras tantas), e que é muito instigante pensá-las nessas aproximações e litígios, descobrindo que a ascendência de uma sobre a outra não reside mais, tal como já ocorreu antes, da metrópole sobre as suas colônias, mas que é, sim, nesse jogo cultural que se conhecem os interesses não só literários – de maneira a entendermos também a nossa própria sociedade fluida e desvanecente, e o nosso próprio lugar no mundo. Diria também que se chegar a escolher a Literatura Portuguesa vai ser ótimo para mim, já que poderei ajudá-lo em alguma coisa.

